

ANA FALCATO*¹

A FORMA É UMA EXPRESSÃO DE CONTEÚDO: JOHN COETZEE CONTRA O PENSAMENTO ÉTICO DE SUBSTITUIÇÃO

Abstract

This paper aims at investigating how one of Martha Nussbaum's central claims in *Love's Knowledge* fits one specific work of contemporary literature. Nussbaum's claim is that *style or form of writing* are not redundant in conveying meaning in general and ethical thought specifically, both in philosophical and in literary texts. Through a deep analysis of John Coetzee's *Diary of a Bad Year*, the present paper ends up showing how the formal construction of Coetzee's (literary) text performs two interrelated tasks. On the one hand the paper displays the question of whether it is possible for a work of literature to convey ethical thought without slipping into some form of *Ersatz* ethical thought; on the other hand it defends the idea that it is *through that very questioning* that Coetzee found an unusual way of conveying genuine ethical thought, thus confirming Nussbaum's claim that the form of writing is by no means redundant in conveying ethical content.

Keywords: Ethical-thought; style of writing; *Ersatz* ethical thought.

Resumo

O principal objectivo deste artigo é averiguar como é que uma das principais teses defendidas por Martha Nussbaum em *Love's Knowledge* se pode comprovar numa obra de literatura contemporânea. Em *Love's Knowledge*, Nussbaum sustenta que *formas de escrita* ou composição textual nunca são prescindíveis numa veiculação bem-sucedida de sentido em geral, tanto no texto filosófico como no texto literário, e muito menos para efeitos de veiculação de pensamento ético através dos mesmos. Respalado por uma análise filosófica de *Diário de um Mau Ano*, de John Coetzee, o presente artigo demonstra como é que a construção formal da prosa literária de Coetzee desempenha duas tarefas distintas, mas estreitamente articuladas. Por um lado aborda-se a questão se será possível ao texto literário veicular pensamento ético sem derrapar em alguma forma de «pensamento ético de substituição»; por outro, defende-se que é *justamente através desse questionamento* que Coetzee encontra uma maneira inusual de veicular pensamento ético genuíno, confirmando assim a tese principal do livro de Nussbaum: as formas de escrita não são redundantes na transmissão bem-sucedida de pensamento ético.

Palavras chave: Pensamento ético; formas de escrita; pensamento ético de substituição.

*Investigadora de Pós-Doutoramento do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa.

§1. Do alvo da indagação

«A “antiga discórdia entre poetas e filósofos”, tal como *A República* de Platão [...] se lhe refere, apenas pôde ser encarada como uma discórdia *por versar sobre um e o mesmo assunto*. Esse assunto era a vida humana e como vivê-la. E a discórdia era tanto uma discórdia sobre formas literárias como sobre conteúdo ético, sobre as formas literárias entendidas como um compromisso com determinadas prioridades éticas [...] As formas de escrita não eram encaradas como meros repositórios nos quais diferentes conteúdos poderiam ser indiferentemente depositados; a forma era, ela mesma, uma afirmação, um conteúdo».

MARTHA C. NUSSBAUM, *Love's Knowledge*²

Como é que uma obra de literatura contemporânea pode veicular pensamento ético? Poderá fazê-lo de forma essencial? E como é que o estilo de composição da mesma – uma determinada técnica de escrita, estrategicamente focada numa maneira de ler que também não é acidental – pode servir esse propósito?

Este artigo constituir-se-á como uma reflexão filosófica sobre uma obra de J.M.Coetzee: *Diary of a Bad Year*.³ Queremos defender aqui que o texto literário de Coetzee instancia, de forma exímia, o argumento defendido por Martha Nussbaum em todo o *Love's Knowledge*, e cujos pontos estruturais são focados na citação em epígrafe.

A tese forte de Nussbaum representa um quadrado de combinações: no texto filosófico (onde o estilo literário, o exercício da forma na veiculação de conteúdos, é amiúde sacrificado a prioridades de substância teórica), tanto quanto no texto literário (onde o cultivo da arte da forma pode chegar a níveis tão barrocos que tornam o conteúdo imperscrutável), o estilo é, ele próprio, uma *afirmação de conteúdo*. Uma vez que escolhemos para exemplo de análise um texto literário, será sobretudo a segunda parte do quadrado a interessar-nos. O texto (literário) de Coetzee é um exemplo notável, na Literatura Contemporânea, da indissociabilidade entre a veiculação bem-sucedida de conteúdo de pensamento através da forma literária mais eficaz.

Dentro da vasta obra do escritor sul-africano, escolhemos centrar-nos em *Diary of a Bad Year*, uma vez que este texto de Coetzee é, a vários níveis, paradigmático – é-o enquanto texto literário considerado “isoladamente” (na medida em que tal exercício ainda seja possível a um leitor adulto) e é-o, muito especialmente, dentro da própria produção literária do escritor.

Em *Diary*, Coetzee utiliza uma técnica de composição textual sem precedentes na sua obra anterior. O texto está estruturado sincronicamente em dois ou em três níveis, o que tem uma correspondência formal, gráfica, desconcertante numa primeira abordagem. Como se fossem três camadas de texto, o topo da página do livro é constituído pelo conjunto de “crónicas de opinião”⁴ de um experiente escritor sul-africano, JC; o estrato intermédio da página corresponde à voz privada de JC, num registo cru do seu encontro diário com a voz da sua dactilógrafa filipina, a jovem e bela Anya, durante o período em que esta ajuda JC a

² In NUSSBAUM, M., *Love's Knowledge*, (“Introduction”), Oxford University Press, Oxford 1990, p.15.

³ Existe uma tradução portuguesa e foi seguida na elaboração deste trabalho: COETZEE, J., *Diário de um Mau Ano*, Tradução de Teixeira de Aguiar, Dom Quixote, Lisboa 2008.

⁴ *Strong Opinions*, no original.

compor o seu livro de opiniões, que será publicado por um editor alemão; e o estrato inferior da página corresponde às vozes privadas de Anya e Alan, o companheiro misógino de Anya. A partir das duas “camadas de texto inferiores” podemos ver como a vida quotidiana de JC é ensombrada por uma morte que caminha na sua direcção e aligeirada pelo contacto diário com uma bela mulher.

Numa primeira e mais superficial abordagem dir-se-ia que existem neste texto de Coetzee três vozes narrativas distintas e uma espécie de “voz técnica” petrificada nas opiniões públicas e políticas de JC – o livro do topo da página a que, não por acaso, o velho escritor sul-africano chamou *Strong Opinions*.

Enquadrada pelo *motto* do depoimento de Martha Nussbaum, que já conhecemos, a voz conceptora deste artigo encontrou no texto literário de Coetzee um paradigma instanciador da posição forte da filósofa americana. Para começar, aquilo que o texto de Coetzee mostra de maneira prodigiosa é que «a forma (literária) é, ela própria, uma afirmação, um conteúdo». Só que esse conteúdo veiculado pela própria forma literária não é uma “mera matéria bem enformada”, uma combinação casualmente feliz entre uma técnica de composição textual e o pensamento expresso de maneira privilegiada por esse suporte literário, esteticamente eficaz, teoricamente convincente mas estéril do ponto de vista prático.

O texto de Coetzee vai tão longe como para veicular pensamento ético através de uma encenação daquilo que poderá, num registo muito próximo do seu, não ser mais do que uma simulação de pensamento ético: uma coisa esteticamente amputada, teoricamente convincente e totalmente estéril do ponto de vista prático. Esta ideia será desenvolvida mais adiante neste trabalho.

Para já, pensemos no seguinte: o que vem exactamente a ser isso – que uma obra literária expresse pensamento ético? É como é que o pode fazer sem derrapar (também estilisticamente) naquilo a que chamámos “*Ersatz ethical thought*”, ou seja, numa substituição ou mera simulação de pensamento ético?

Voltemos a Martha Nussbaum para responder à primeira questão:

«Algumas obras literárias [...] contribuem activamente para a exploração de algumas questões importantes sobre os seres humanos e a vida humana. [Nelas] uma perspectiva sobre a vida é *contada*. O acto narrativo – toda a forma de abordar o sentido vital do leitor – expressa uma visão da vida e do seu valor, uma perspectiva sobre aquilo que importa e aquilo que não importa. A vida humana nunca é meramente *apresentada* por e num texto literário: é, isso sim, *representada como* algo. [...] Por muito que Platão e os poetas discordassem, em algo estavam de acordo: o propósito das respectivas obras era ilustrar a forma como devemos viver.»⁵

Vê-se aqui esboçada uma primeira resposta à questão mais geral que orienta este ensaio. Diremos que uma obra literária expressa pensamento ético se da sua leitura se puder extrair uma orientação (prática) para como devemos viver – extracção, essa, que pode estar, sem dúvida, relacionada com as intenções originais do escritor, sem lhes estar subordinada de forma unívoca e inextricável.

Vejamos então mais claramente como J.M.Coetzee foi, em *Diary of a Bad Year*, ambicioso ao ponto de esboçar através da forma do texto a nossa segunda questão (ao fim e ao cabo, é um escritor e não um filósofo) e encontrar-lhe uma resposta engenhosa que passa, de maneira incontornável, pela tripartição das vozes narrativas e da correspondente estrutura da

⁵ In NUSSBAUM, *Love's Knowledge*, op. cit., p. 18.

página no livro. Como é que Coetzee indaga em *Diary* da possibilidade de uma obra literária veicular pensamento ético sem se converter num veículo de pensamento ético de substituição? Responder estruturadamente a esta questão é objectivo de análise do ponto seguinte.

§2 Da forma e do conteúdo: as vozes literárias e as diferentes partes da alma

Não precisamos de ir muito longe na especulação sobre o que pode ligar o autor do livro *Strong Opinions*, JC, e o autor de *Diary of a Bad Year*. Mas algo terá de ser dito sobre este ponto, não apenas para que o presente ensaio não pareça contornar uma obviedade que qualquer leitor desprevenido do livro de Coetzee poderá detectar – como se isso fosse algo que, alegadamente, um ensaio filosófico pode dispensar – mas sobretudo porque essa suposta obviedade só parcialmente o é. Associar JC e John Coetzee tem implicações bem mais arditas do que a mera curiosidade estilística ou heteronímica, facilmente atribuível a uma vaidade auto-complacente por parte do segundo.

Afinal de contas, JC é um idoso escritor sul-africano, recentemente fixado na Austrália, que por encomenda de um editor alemão anui a registar num livro colectivo as suas opiniões sobre alguns temas prementes da nossa sociedade global: terrorismo, conflitos étnicos, aquecimento global, direitos dos animais, experiências genéticas. *Strong Opinions*: «Uma oportunidade de rezingar em público, uma oportunidade de exercer uma mágica vingança sobre o mundo por se negar a conformar-se com as minhas fantasias: como podia eu recusar?»⁶ - confessa JC no livro de John Coetzee.

Mas há algo que inequivocamente os separa: JC está claramente disposto a publicar as suas opiniões fortes sobre problemas sociais contemporâneos, como os frutos teóricos ressequidos de uma etapa da vida em decréscimo de vitalidade. John Coetzee não. Este só publicou opiniões fortes lado a lado com “opiniões fracas” – um “Segundo Diário” de anotações íntimas – e com as notas de um quotidiano em acentuado processo de decrepitude, rotina quase sempre cinzenta que ainda convive com uma série de inconveniências – eróticas, por exemplo. John Coetzee fala-nos de JC, entregando-nos também o seu livro de opiniões (ou seja, *Strong Opinions*).

A técnica de escrita adoptada por Coetzee em *Diary of a Bad Year* pode ser interpretada como uma manobra retórica que, ao confrontar o leitor com um desafio (mesmo uma dificuldade) de leitura, consegue veicular conteúdos heteróclitos, apenas assimiláveis por «diferentes partes da alma».

Sejamos claros: a disparidade entre o tipo de conteúdos articulados no topo da página, em *Strong Opinions*, e as anotações sobre a vida quotidiana de JC, Anya e Alan é tão abissal como para induzir uma esquizoidia de leitura e de assimilação do que se lê. Leia-se como e quanto isso é assim:

[*Strong Opinions*] «Gostariamos de ter algum respeito por qualquer pessoa que prefira a morte à desonra, mas no caso dos bombistas suicidas islâmicos não é fácil sentir respeito quando vemos como são numerosos e, por conseguinte (mediante um passo lógico que pode ter grandes vícios de forma, que pode pura e simplesmente exprimir o velho preconceito ocidental contra a mentalidade de massas do Outro), quão pouco valor devem atribuir à vida. Em semelhante dilema, pode ser uma ajuda pensar no bombismo suicida como uma resposta,

⁶ In COETZEE, *Diário de um Mau Ano*. Op.cit., p.33

de natureza algo desesperada, aos avanços americanos (e israelitas) na tecnologia de guiagem, que ultrapassam largamente as capacidades dos seus opositores.⁷

[*Diálogo privado entre Anya e JC*] «Não há nada como a sensação das palavras a virem ao mundo, diz ele, basta isso para nos fazer estremecer. Eu empertigo-me e faço uma boquinha recatada. Não devia dizer coisas dessas a uma rapariga bem-comportada, *señor*, digo eu. E viro as costas e afasto-me com um meneio do rabo, com os seus olhos ávidos sobre mim. Acho que o fui buscar aos patos: um abanar do rabo tão rápido que é quase um arrepio. Quase quá.»⁸

Uma vez que “a antiga discórdia” entre Poetas e Filósofos é mencionada logo em epígrafe e nestas duas extracções de *Diary* nos confrontamos com algo como a tensão entre a voz do Filósofo-escritor, por um lado, e a do Poeta-escritor, por outro, não será imprudente focar agora a atenção em duas outras posições de Platão – no *Fedro* e na *República*, respectivamente – para se ver mais claramente como a posição de fundo aqui defendida, e que pode ser minuciosamente explorada no texto literário convocado para este ensaio (que a técnica de escrita é indissociável da veiculação de um determinado conteúdo e é, ela própria, uma afirmação), tem raízes históricas tão remotas e profundas como alguns dos textos fundadores da nossa cultura.

No *Fedro*, em 261a, temos Sócrates a confrontar Fedro com a seguinte fala:

«Pois bem, não te parece que a retórica é uma *psicagogia*, uma arte de conduzir as almas através das palavras, mediante o discurso, não só nos tribunais e locais públicos, mas também em qualquer espécie de assembleia privada?»⁹

Por seu turno, no famoso Livro VII da *República* – onde encontramos a Alegoria da Caverna – diz-se sobre a educação que esta não deve ser pensada como a deposição de ciência numa alma que dela carece, mas como a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta à alma como um todo, para que consiga contemplar o Bem com os meios de que já dispõe¹⁰. Também a técnica de escrita adoptada por Coetzee em *Diary of a Bad Year* é uma psicagogia neste sentido platónico. Vejamos como e porquê.

Se apenas lermos horizontalmente o livro de JC, *Strong Opinions*, aquilo com que nos deparamos é uma plataforma de argumentação. O livro de JC que John Coetzee recusou dar-nos isoladamente dirige-se de forma praticamente exclusiva à parte da alma que é racional. Gostaríamos de dizer que existe nessa abordagem uma afinidade emissor-receptor,

⁷ In COETZEE, *Diário de um Mau Ano*, Op.cit., pp. 39-40.

⁸ Idem, *Ibidem*.

⁹ PLATÃO, *Fedro* 261a. Tradução castelhana de E. Lledó Íñigo, Editorial Gredos, Madrid, 1988, p. 376.

¹⁰ PLATÃO, *República* 518c, Tradução castelhana de Conrado Eggers Lan, Editorial Gredos, Madrid, 1988: «[...] a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que providencia a introdução de ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzisse a vista em olhos cegos. / Dizem, realmente. / A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o Bem. / A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correcta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso».

na medida em que a parte racional da alma de JC se dirige à parte racional da alma do leitor de *Strong Opinions*. E, obviamente, esta é uma observação redutora *in extremis*. Porém, é metodologicamente útil.

Se, ao invés, optarmos por uma leitura vertical da página de *Diary of a Bad Year*, deparar-nos-emos com aquilo a que um filósofo como Jonathan Lear¹¹ chamou “a spectacle of embedding”¹². Com a plasticidade desta expressão, Lear tornou-nos quase *visual* o epicentro da conexão forma-conteúdo em *Diary of a Bad Year*: quer dizer, lendo verticalmente o livro, observamos como a compilação das opiniões fortes de JC está incrustada, encimando-a, na apresentação das fantasias e ritos quotidianos das três personagens que a obra de Coetzee introduz.

Notável é apercebermo-nos de que, descendo na leitura da página também descemos à parte inferior da alma (e até à apresentação de partes inferiores do corpo: do corpo de Anya, do corpo de JC e do corpo de Alan). A exposição “inferior” de aspectos da vida quotidiana dos três personagens é a parte expurgável de um livro de *opiniões fortes* sobre problemas sociais e políticos contemporâneos, abordados a partir da dimensão ética dos mesmos. Só que não é expurgável do livro que John Coetzee quis escrever. Portanto, *Strong Opinions* é um (pseudo) livro escrito sob a forma e a tutela do argumento; só que essa *forma* mais não é do que um aspecto da unidade orgânica de matéria e forma constituída pelo livro de opiniões fortes de JC incrustado nas coisas e nos episódios que são a sua vida diária. Coetzee delega em JC o fornecimento da forma de *Diary of a Bad Year*, deixando-nos ler *Strong Opinions*, ao invés de nos falar apenas do processo e dos acidentes de produção do segundo dentro do primeiro (que, a ser assim, também não funcionaria como *Diary of a Bad Year*, efectivamente, funciona).

Teremos de examinar com mais detalhe e *ir para além* dos elementos mais ou menos metodológicos e associativos até aqui fornecidos, se queremos explicitar como é que a incrustação das opiniões morais fortes de JC na descrição da sua vida privada quotidiana, da de Anya e da de Alan desautoriza uma via de pensamento ético de substituição (*Ersatz ethical thought*), promovendo, através da forma desconcertante que o presente texto de John Coetzee assume, pensamento ético genuíno. Para tal, este ensaio efectuará ainda dois movimentos:

- a) Examinar como é que a forma de escrita de *Diary of a Bad Year* se demarca disso a que chamámos “*Ersatz ethical thought*”, incorporando uma simulação desse tipo de pensamento;
- b) Analisar uma das opiniões de *Strong Opinions*, para obter, através de algo próximo de um “estudo de caso”, uma confirmação de a).

§3 Substituição do Pensamento ético de Substituição

«It seems to me obvious that nothing we could ever think or say should be *the* thing. I can only describe my feeling by the metaphor, that, if a man could

¹¹ Jonathan Lear é Professor no Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago (Committee on Social Thought). Entre muitos outros trabalhos, destaca-se o seu mais recente livro, *A Case for Irony* (HUP, 2011).

¹² LEAR, J., «Ethical Thought and the Problem of Communication: A Strategy for Reading *Diary of a Bad Year*», in A. LEIST and P. SINGER (ed.), *J.M.Coetzee and Ethics. Philosophical Perspectives on Literature*. Columbia University Press, New York, 2010.

write a book on Ethics which really was a book on Ethics, this book would, with an explosion, destroy all the other books in the world».¹³

L. WITTGENSTEIN, *A Lecture on Ethics*

O que é isso a que temos vindo a chamar “*Ersatz ethical thought*”? A ideia subjacente deixa-se mais facilmente expressar através do contraste possibilitado por uma simulação, um “thought experiment”.

Vamos supor que existe uma respeitável figura num meio académico determinado – digamos, um Professor de Problemas Éticos Contemporâneos em Yale – que passa um semestre lectivo na universidade com a qual tem um vínculo principal e um outro semestre numa universidade estrangeira; vamos aceitar que o nosso distinto académico tem uma actividade docente pendular, entre a Europa e os Estados Unidos. O distinto académico dedica a sua vida profissional a escrever artigos técnicos, colunas de opinião e textos de conferências sobre “questões e problemas éticos contemporâneos” (e não seria impossível que algum dos artigos se chamasse «A forma é uma expressão de conteúdo: John Coetzee contra o pensamento ético de substituição»). Tanto nas universidades europeias como nas americanas o docente universitário é, geralmente, bem remunerado e o nosso ilustre académico não é, de forma nenhuma, uma excepção. Dedicando-se a escrever artigos especializados, colunas de opinião, entradas de enciclopédia, etc., sobre temas tão na ordem do dia com o aquecimento global, os direitos dos animais, a violência de género, o médio Oriente, a pedofilia ou a venda de armas nucleares ao Irão, o nosso distinto académico habituou-se há muito a viver com as coisas tal como elas são e a tirar uma série de vantagens da sua própria vantagem intelectual.

O tipo de trabalho realizado pelo nosso ilustre académico (demasiado realista para ser inventado) pode ser encarado como uma instância daquilo a que Jonathan Lear chama “*Ersatz ethical thought*”.

O estilo literário de John Coetzee, cuja apatia da voz narrativa¹⁴ ante situações de barbárie contadas e experimentadas pela mesma chega a roçar a morbidez, é sempre um antídoto contra qualquer forma concebível de pensamento ético de substituição. Vejamos mais detalhadamente a concretização disso em *Diary of a Bad Year*.

Diary retrata algo que, em si mesmo, já é um problema ético – a possibilidade de intromissão de formas de “*Ersatz ethical thought*” num texto literário que almeja veicular pensamento ético – de uma maneira que descreveríamos como “sobrepota”, auto-consciente. A técnica de escrita que Coetzee usa em *Diary* e, muito especialmente, aquilo que temos vindo a propor que ela significa – sobretudo pela inclusão algo soberba de *Strong Opinions*, literalmente sobre descrições da vida afectiva dos personagens de *Diary* –, permite ao escritor mostrar como é difícil ao texto literário, animado para veicular pensamento ético, não descarrilar para a veiculação de uma forma de pensamento ético de substituição, como seja um livro de crónicas de opinião. JC quis fazê-lo e é “um eminente escritor sul-africano”. Que garantias temos nós que John Coetzee não possa cair na mesma cilada, mais tarde ou mais cedo?

¹³ WITTGENSTEIN, L., «A Lecture on Ethics», *Philosophical Occasions. 1912-1951*. Edited by James Klagge and A. Nordmann. Indianapolis&Cambridge, Hackett Publishing Company, 1993, p.36.

¹⁴ Talvez o mais impressionante manejo desta apatia da voz narrativa dentro da obra de Coetzee seja mesmo o ponto de vista narrativo de David Lurie em *Disgrace*.

¹⁵ PLATÃO, *Simpósio*, 206c. Tradução castelhana de M. Martínez Hernández, Editorial Gredos, Madrid, 1988, p. 254.

Todo o trabalho de Coetzee incorpora uma componente auto-remissiva pesada. Porém, nos seus livros mais recentes a mesma é flagrante: para além da presente escolha, vemo-la em *Summertime* (2009), onde o escritor lança mão de uma outra técnica para substituir o pensamento ético de substituição. Se a técnica de despistagem de formas de pensamento ético de substituição em *Diary of a Bad Year* é a tripartição das vozes narrativas – com os matizes e gradações de formalidade que temos vindo a explorar –, em *Summertime* o escritor serve-se de uma reportagem *post-mortem* sobre si próprio. O escritor John Coetzee morreu recentemente e todo o livro, que parte dessa informação, é um conjunto de relatos pessoais sobre porções da sua vida, feitos por figuras tão díspares como uma ex-amante, uma vizinha ou a mãe de uma ex-aluna na Cidade do Cabo.

Mas voltemos à substituição do pensamento ético de substituição em *Diary*.

O significado da técnica de escrita da página tripartida em *Diary of a Bad Year*, uma forma arguta de despistar o *Ersatz* de pensamento ético, tem pelo menos mais uma dívida para com Platão. Uma dívida para com uma ideia do *Simpósio* ou *Do Amor*. No *Simpósio*, Platão põe Sócrates em cena para contar um encontro com a sacerdotisa Diotima. Diotima fala a Sócrates da arte do amor e do “método dos amantes”, como um encontro com a Beleza, através do qual a finitude humana pode participar na infinitude ideal. A fala da sacerdotisa é célebre:

«Todos os homens estão grávidos, Sócrates, tanto no corpo como na alma: ao chegarem a uma determinada idade, a sua natureza deseja naturalmente gerar. Tal não pode acontecer com alguém feio, mas apenas ante a Beleza.»¹⁵

Gerar na Beleza: eis o método dos amantes, segundo Platão, o Escritor-Filósofo quase por antonomásia. Torna-se então mais óbvio como e porque voltar a Coetzee, à arte de escrita de *Diary of a Bad Year* e, muito especialmente, ao modo como este incorpora *Strong Opinions* com o fito estratégico de substituir o pensamento ético de substituição.

A acompanhar o final de *Strong Opinions*, exemplar consciente de pensamento ético de substituição para *Diary of a Bad Year*, temos uma interrogação da voz privada de JC sobre a possibilidade de “ter sido Anya a mãe natural da miscelânea de opiniões” que o ilustre escritor sul-africano esteve a transpor para o papel, a troco de honorários e algum prestígio social. JC responde-se e responde-nos que não foi esse o caso:

«Seria a Anya do 2514, a não ser num sentido extremamente forçado, a mãe natural da miscelânea de opiniões que eu redigia por encomenda da Mittwoch Verlag de Herderstrasse, em Berlim? Não. As paixões e preconceitos a partir dos quais as minhas opiniões se desenvolveram estavam assentes muito antes de eu ter posto os olhos em cima de Anya, e por esta altura eram tão firmes – quer dizer, tão consolidadas, tão rígidas – que afora uma palavra avulsa aqui e além não havia possibilidades de que a refração através do olhar dela pudesse alterar a sua orientação».¹⁶

Mesmo com uma resposta negativa – indício óbvio de que a questão é activamente colocada –, esta declaração encaixa com o aprendizado socrático: Anya fez para JC as vezes do belo Alcibíades e serviu ao velho escritor de motivo para uma longa gravidez de ideias chegar a termo. Sob a alçada desta metáfora, aquilo que podemos ver e ler na parte superior da página de *Diary of a Bad Year* é o final da gestação de ideias e opiniões na alma de JC,

¹⁶ In COETZEE, *Diário de um Mau Ano*, Op. cit., pp.142-145.

apenas possível na presença da bela Anya (não excluindo a hipótese de as ideias e opiniões morais de *Strong Opinions* pré-existirem na cabeça de JC, é o contacto diário com Anya que possibilita o parto das mesmas). As duas secções inferiores da página do livro de Coetzee corresponderiam, nos termos da presente alegoria, a algo assim como o “trabalho de parto” das opiniões fortes de JC.

JC quer dar ao editor alemão do seu livro o produto final da gestação das suas ideias para opiniões fortes, subtraindo-o às incomodidades do “trabalho de parto” daquelas. John Coetzee só aceitou oferecer ao seu leitor a leitura conjunta e, tantas vezes, esquizoide, de ambos. Sabemos porquê: a amputação de uma das partes do processo – por mais que se racionalize justificativamente como uma forma de “depuração” – dar-nos-á, de uma forma tão despudorada como qualquer outra, uma instância de pensamento ético de substituição.

§4. Uma Opinião Forte e a Dialéctica da Responsabilidade

Existe, no “spectacle of embedding” que é *Diary of a Bad Year*, uma opinião forte intitulada “Sobre a Vergonha Nacional” – uma secção do livro *Strong Opinions*, de JC.

Nessa secção, JC escreveu o seguinte:

«Um artigo numa *New Yorker* recente torna claro como água que a Administração americana, com Richard Cheney à cabeça, não só sanciona a tortura dos prisioneiros feitos na chamada guerra ao terrorismo, como se empenha de todas as maneiras em subverter as leis e convenções que interditam a tortura. [...] A sua falta de vergonha é absolutamente extraordinária. Os seus desmentidos são menos que tíbios. A distinção que os seus advogados contratados estabelecem entre a tortura e a coerção é patentemente insincera, uma simples formalidade. No novo ordenamento que criámos, dizem eles implicitamente, os velhos poderes da vergonha foram abolidos. A aversão que vocês possam sentir não conta para nada. Vocês não nos podem tocar; somos demasiado poderosos.

Demóstenes: Enquanto o escravo apenas teme a dor, aquilo que o homem livre mais teme é a vergonha. Se aceitarmos a verdade daquilo que a *New Yorker* sustenta, a questão para os americanos individuais *torna-se uma questão moral*: como, perante esta vergonha a que estou sujeito, hei de comportar-me? *Como salvo eu a minha honra*?¹⁷ [...] A desonra não respeita distinções precisas. A desonra abate-se sobre os ombros da pessoa e, uma vez que se abate, não há argumentação inteligente capaz de a dissipar.»¹⁸

Neste ponto, o intuito da voz conceptora desta reflexão é averiguar como é que a “questão moral” mencionada por JC na opinião forte supramencionada se articula com aquilo a que chamámos “Dialéctica da Responsabilidade” no título desta secção 4.

De facto, existe uma estratificação, dentro do próprio livro de JC, *Strong Opinions*, entre uma proposta teórica mais geral e uma ilustração da mesma na opinião forte sob análise, intitulada “Sobre a Vergonha Nacional”.

Na secção precedente, JC analisara uma posição político-moral de Maquiavel: chama-lhe *Necessità*. Em termos estruturais, a ideia Maquiavélica que JC transpõe para *Strong Opinions* é que não há “Vergonha Nacional” e muito menos “vergonha assimilada pela mera cidadania”

¹⁷ Meu sublinhado.

¹⁸ In COETZEE, *Diário de um Mau Ano*, Op.cit., pp 48-50.

– ao contrário do que defende JC – porque há que fazer aquilo que for necessário no interesse da protecção e preservação do Estado.

«A necessidade, *necessità*, é o princípio condutor da proposta político-moral de Maquiavel. A velha posição, pré-maquiavélica, defendia a supremacia da lei moral. Se acontecesse a lei moral ser por vezes infringida, era uma infelicidade, mas no fim de contas os governantes eram apenas humanos. A nova posição, a maquiavélica, é que a infracção à lei moral se justifica quando é necessária.

Assim se inaugura o dualismo da cultura política moderna, que defende simultaneamente padrões de valores absolutos e relativos. O Estado moderno apela à moralidade, à religião e à lei natural como fundamentos ideológicos da sua existência. Ao mesmo tempo está pronto a infringir qualquer uma delas ou todas no interesse da sua própria conservação.

Maquiavel não nega que as exigências que a moralidade nos coloca sejam absolutas. *Ao mesmo tempo* afirma que no interesse do Estado o governante «não raro se vê constringido [*necessitato*] a agir contra a sua palavra, contra a caridade, a humanidade e a religião». ¹⁹

Ora, acontece que uma franja social importante, que JC denomina “Intelectuais liberais” pretende rejeitar, quer a *Necessità* de Maquiavel quer a “assimilação da vergonha por cidadania”, defendida por JC nesta opinião forte. JC refere-se aqui à administração Bush e ao desempenho desta franja na sociedade norte-americana pós-2001, mas computando os aspectos estruturais da sua crítica e o apoio contrastante nas ideias de Maquiavel, esta casuística deixa-se facilmente converter num modelo social abstracto. Os intelectuais liberais pretendem demarcar-se de ambas as posições por uma argumentação racional e um mecanismo de autojustificação racionalizante.

Esse mecanismo de demarcação auto-justificativa implica três movimentos: 1) uma adscrição de culpa vergonhosa aos líderes políticos do país, no momento em que JC afirma haver “Vergonha Nacional”; 2) uma demarcação em bloco das posições adoptadas e acções praticadas pelos mesmos e 3) e uma rejeição do dualismo moral e da cisão teoria/prática, inerentes à *Necessità* de Maquiavel. O grupo social a que JC chama intelectuais liberais quer activamente demarcar-se, tanto da ideia estruturante da *Necessità* como da imputação de Vergonha Nacional.

Há algo, porém, que o grupo social que JC apelida de “intelectuais liberais” não vê – mormente porque não pode ver –, e é o facto de que a culpa vergonhosa desce como uma maldição (*a curse*) e não pode ser extraída por um argumento. Os intelectuais liberais não podem ver esse fenómeno porque querem descartar o seu envolvimento na “Vergonha Nacional” por mecanismos lógicos de justificação.

Neste ponto da argumentação de JC nesta opinião forte “Sobre a Vergonha Nacional”, o leitor inteligente de *Diary* vai-se paulatinamente apercebendo que é sobre si próprio e para si próprio que JC está a falar ao falar de “intelectuais liberais”, descrevendo o seu comportamento e a estrutura da sua tomada de posição face a este problema político e moral concreto. A dialéctica da responsabilidade opera no leitor de *Diary of a Bad Year* através de um mecanismo de identificação.

Novamente, método formal e veiculação de conteúdo só funcionam enquanto um todo orgânico.

¹⁹ Citação extraída de *O Príncipe*, Capítulo XVIII, in COETZEE, *Diário de um Mau Ano*, Op.cit., p. 26.

Neste ponto de *Diary*, John Coetzee quer fazer-nos entender que há algo extremamente inconsistente na posição destes “intelectuais liberais”. A saber: como podem “eles”, estes intelectuais liberais, opor-se tanto à *Necessità* de Maquiavel, enquanto posição positiva, quanto à assimilação da vergonha por cidadania, se as duas posições representam ideias contraditórias mas complementares, que “esgotam um domínio de posições inteligíveis”? Sim, porque de duas, uma:

- a) Ou não há Vergonha Nacional sequer, porque há que fazer o que for preciso para a protecção dos interesses do Estado (*Necessità*);
- b) Ou há Vergonha e a vergonha não é meramente dos líderes políticos, porque esta desce por mecanismos não-rationais e a sua recusa tampouco se efectuará por mecanismos racionais e justificativos. Acusar os líderes políticos de “comportamento vergonhoso” já é sentir a maldição dessa vergonha.

Só que esta inconsistência é uma inconsistência *minha*, leitor inteligente e bem informado de *Diary of a Bad Year*. Sou perfeitamente capaz de entender os meandros estruturais dessa inconsistência e inclusive detectar o cinismo desresponsabilizante que lhe é inerente, enquanto contar com o bode expiatório da terceira pessoa. São “eles”, esses intelectuais liberais.

Só mediante o estratagema formal do uso da terceira pessoa para falar dessa franja social que JC apelida de “intelectuais liberais” é que Coetzee consegue transmitir o conteúdo que quer transmitir de forma eficaz, removendo o véu de cegueira que cobria os olhos do intelectual liberal que está a ler *Diary of a Bad Year*. A Dialéctica da Responsabilidade é o processo de leitura pelo qual chegamos a essa remoção.

E é mais do que plausível que, no final da leitura de *Diary*, estejamos mais dispostos a chamar a esse estratagema formal um “subterfúgio formal”, porque nos sentimos nus e duplamente ludibriados – porque não gostamos da posição dos intelectuais liberais, que não é “deles” porque é nossa, e não gostamos da forma como a forma do texto de Coetzee me levou a crer que estava a falar-me de um grupo abstracto de pessoas, que só pode defender posições fortes a partir de uma cegueira ao seu próprio ponto de vista, quando estava a falar de mim.

A Dialéctica da Responsabilidade, que é todo o processo descrito, funciona, então, como a ponte de articulação entre o método formal de escrita e a veiculação de conteúdo ético, porque é através dela, não só que o leitor chega a entender o seu lugar no espaço de razões de *Diary of a Bad Year* – tomando consciência que é parte integrante desse espaço de razões e não um mero leitor-espectador – como a substituir o pensamento ético de substituição (o único tipo acessível a qualquer leitor que seja meramente um espectador do que lê) por uma atitude ética, directa mas difícil: a de inventar ou redefinir como hei de viver e comportar-me, contando com a vergonha que é minha *ab initio*.

